

A escolha pelo recomeço

Simone celebra 50 anos de carreira com nova banda e repertório reciclado, evitando seus maiores sucessos no show 'Que Mulher é Essa?'

AFFONSO NUNES

Simone está completando 50 anos de carreira sem oferecer o que o público espera dela. No show "Que Mulher É Essa?!", que estreia nesta sexta-feira (7) no Vivo Rio, a cantora decidiu trilhar os caminhos da incerteza. É o primeiro passo de uma nova fase, com nova banda, repertório e direção musical e arranjos de Ana Frango Elétrico — uma das figuras mais instigantes da cena musical independente carioca.

O repertório escolhido evita o caminho óbvio dos grandes sucessos da Cigarra, que interpreta canções de Ana Frango Elétrico, Dona Onete, Erasmo Carlos, Marina Lima, Rita Lee, Chico Buarque, e Caetano Veloso, entre outros. Mas o foco é um

só: o feminino. "Eu quero falar de mulher! Queria falar de tudo que for possível falar da mulher: do que a gente passa, dos sofrimentos, das rupturas, dos sangramentos, das dores, dos amores... quero falar de tudo o que puder sair de dentro de mim, das mulheres que habitam esse meu corpo e a minha cabeça", avisa.

A banda é nova, enxuta e afiada: Chico Lira (piano), Giordano Bruno (no baixo, Vitor Cabral (bateria) e Filipe Coimbra (violão e guitarra). A direção artística e os figurinos ficam com Ronaldo Fraga e Mari Pitta assina iluminação e cenário.

No palco, Simone deseja calor, a troca, a proximidade com seu público, mesmo assumindo o risco. A mulher que diz não caber em rótulos sentiu o desejo de se reinventar. E que seja lindo.

SERVIÇO SIMONE - QUE MULHER É ESSA?

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) 7/8, às 21h Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)



Simone inicia neste show nova parceria artística com Ana Frango Elétrico

Violoncelos por toda a cidade

32ª edição do Rio Cello transforma jardins, igrejas e museus cariocas em palcos gratuitos

Trinta e dois anos depois de um encontro modesto de violoncelistas, o Rio Cello tornou-se uma das raras instituições culturais cariocas que cresceram sem perder o pé no chão da cidade. Desta vez, entre os dias 8 e 16, o festival ocupa jardins do Museu da República, a Igreja da Candelária, a Sala Cecília Meireles e a Casa Museu Eva Klabin, com pro-

gramação gratuita.

A edição marca a estreia do Cello Kids, vertente infantil com oficina e escolinha de música, e os 20 anos do Cello Dance, braço de dança que migrou dos teatros para praças e estações de metrô. Na abertura, dia 8, Chris Ceconelo dança ao som de Lui Coimbra em homenagem a Tom Jobim e Vinicius de Moraes. No encerramento, dia 16, Bettina Dalcanele, primeira bailarina do Theatro Municipal, interpreta "O Canto do Cisne Negro", de Villa-Lobos, ao lado de David Chew, inglês radicado no Brasil há mais de quatro décadas e idealizador do projeto.

Ao longo da semana, a programação vai do barroco ao tango,



David Chew é o idealizador do encontro

comprovando a versatilidade do instrumento na apresentação de Chew com Blas Rivera (saxofone e piano), David Chew (cello), Bernardo Fantini (viola) e Juliana Franco (soprano). Destaque para as improvisações do Trio in Uno dedicado e para a oficina Cello Tinta, que propõe a conexão entre música e artes visuais. A única apresentação paga do festival será a Violonsalada, mix de todos os artistas em um só concerto com preços populares (R\$

20 e R\$ 10, meia), na Sala Cecília Meireles. A Orquestra de Cordas de Volta Redonda, com cerca de 4 mil alunos, leva à Candelária, dia 12, o legado social que o festival carrega desde 1994. (A. N.)

SERVIÇO

32º FESTIVAL RIO CELLO

De 8 a 16/8 em vários locais. Consulte a programação completa em <https://11nq.com/sszo9nn>

Raphael Tartari/Divulgação



Clara Sverner chega aos 90

Clara Sverner em concerto de aniversário na Cecília Meireles

Aos quase 90 anos — completa a idade no próximo dia 29 —, Clara Sverner não diminui o ritmo. Nesta sexta-feira (7), a pianista sobe ao palco da Sala Cecília Meireles para o recital de lançamento de "Scriabin: Preludes & Poems", álbum pela Azul Music que chega às plataformas digitais em 30 de outubro.

O projeto revela a imersão de Clara na obra do russo Alexander Scriabin (1872-1915), compositor que buscava na música uma transcendência para além do som, e cujos prelúdios condensam esse misticismo em miniaturas de intensidade febril.

O repertório traz seleção dos Prelúdios Op. 11 e Op. 13. O primeiro single circula desde 24 de julho: o Prelúdio nº 19 em Mi bemol maior, peça que Clara descreve como "uma página extraordinária" em que "Scriabin parece atravessar as fronteiras entre a beleza e a dor". Vêm aí singles em 28 de agosto e 2 de outubro.

Formada com José Kliass em São Paulo, aperfeiçoada no Conservatório de Genebra e no Mannes College de Nova Iorque, discípula do mestre alemão Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005), Clara soma mais de 29 títulos numa discografia com duas indicações ao Grammy Latino e o Prêmio TIM de Melhor Disco Clássico.

Em sua vasta discografia, a musicista Resgatou do esquecimento as obras de Glauco Velásquez e Chiquinha Gonzaga. Em parceria célebre com o saxofonista e maestro Paulo Moura (1932-2010), Clara aboliu fronteiras entre erudito e popular. "A cada reencontro com o Prelúdio nº 19, descubro novas cores, novos significados", diz ela, que aos 90 mantém viva a inquietação de sempre. (A. N.)

SERVIÇO

CLARA SVERNER

Sala Cecília Meireles (Rua da Lapa, 47) 7/8, às 19h. R\$ 40 e R\$ 20 (meia)